

# Memória e Histórias

## sobre o IBGE

*Entrevista com o Professor Pedro Pinchas Geiger*



**P**edro Pinchas Geiger (1923- ), geógrafo brasileiro, especializado em Geografia Urbana e Industrial, foi um dos principais pesquisadores da primeira geração do Conselho Nacional de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao ingressar no órgão em 1942, aos 19 anos de idade. Seu ingresso na casa toma característica de um verdadeiro rito de passagem, ao ser logo indicado para a expedição de Gilvandro Simas Pereira ao Jalapão, região situada entre os Estados de Goiás (atual Tocantins), Bahia, Piauí e Maranhão, onde fica mais de dois meses e elabora um relatório importante sobre a geomorfologia e o sistema urbano da área. Inicialmente, trabalha na área de Geografia Física e, paulatinamente, vai orientando suas pesquisas para os

campos da urbanização e da industrialização. Na década de 1950, inaugura uma nova linha de pesquisa que enfocava as transformações econômico-sociais ocorridas nas áreas rurais periféricas a grandes centros urbanos, exemplificando com estudos no Estado do Rio de Janeiro, enfocando o espaço da Baixada Fluminense. Em 1963, publica dois trabalhos, que até hoje são considerados clássicos na Geografia brasileira. O livro *Evolução da Rede Urbana Brasileira* e o artigo sobre a industrialização da região sudeste do Brasil na *Revista Brasileira de Geografia* do IBGE. O volume de sua obra, hoje, ultrapassa 80 títulos entre livros e artigos em revistas especializadas. Aposentou-se do IBGE em 1986 e atualmente trabalha como consultor e professor em cursos de pós-graduação.

## ENTREVISTA CONDUZIDA POR ROBERTO SCHMIDT DE ALMEIDA. RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 2001

**Geo UERJ** - Professor Geiger, poderia nos traçar o início de suas atividades profissionais no IBGE?

O primeiro grande trabalho que eu fiz no IBGE, em 1943, foi mais ou menos um ano após eu ter entrado no IBGE. Eu estava viajando para o Jalapão, para passar lá seis meses. Eu não estava formado ainda, e tinha sido contratado para o IBGE pela indicação do professor Francis Ruellan, que era um geomorfólogo e que queria que eu seguisse a carreira de geomorfólogo. Ele gostava de mim, achou que eu era um bom aluno e me colocou lá no IBGE. Em relação a essa viagem do Jalapão, a primeira, é claro, eu fiz um trabalho de Morfologia, e fiz um trabalho de Geografia Humana. Não era hábito naquela época, Geografia era pintar um quadro físico, primeiro; e depois um quadro econômico, em segundo lugar. Só que eu acho, até hoje eu acho, que a melhor visão do urbano que eu tive até hoje foi naquela época. Por quê? Porque ao descrever as cidades da região do Jalapão, eu as descrevi numa hierarquia, que era formada pela composição em classes sociais que as cidades apresentavam. Então, para mim, a cidade de categoria mais elevada era Barra do Rio Grande, situada na confluência do Rio São Francisco e do Rio Grande, e atuava como porto fluvial.

Naquela época, não havia ainda a Rio-Bahia, as relações do sul com o norte se faziam ou por via de cabotagem ou através da navegação pelo Rio São Francisco. Ia-se de trem a Pirapora, lá tomava-se a gaiola, para viajar até Juazeiro, e de lá, de trem, seguia-se para Salvador. Barra ocupava pois, uma posição estratégica, comandando o comércio da região da bacia do Rio Grande, de boa parte do noroeste da Bahia, do sul do Maranhão e Piauí e atingindo mesmo parte do antigo norte de Goiás. Era a cidade mais importante, pois controlava o grande comércio atacadista. O co-

mércio atacadista que importava os produtos do sertão, cera de carnaúba, algodão, peles, etc... ela se caracterizava por sediar a classe de comerciantes atacadistas, além de serem ao mesmo tempo donos de terras e de gado. A cidade de Formosa, não me lembro como se chama atualmente... e Rio Preto, que era a capital do município Rio Preto – Formosa era numa vila – formavam, para mim, o segundo nível. Por quê? Porque seus comerciantes se dedicavam mais ao comércio de varejo que atendiam aos centros urbanos, embora também uma função atacadista recolhendo os produtos da área para vender aos atacadistas de Barra, que também eram criadores de gado. Mas na pesquisa, eu mostrava que eles eram primeiro negociantes e depois, para ganhar *status* social, se tornavam criadores, eles vinham do comércio para comprar terras e gado. Então, o segundo nível era caracterizado pelo comércio varejista e por criadores de gado.

O exemplo do terceiro nível, ou categoria era Corrente, no sul do Piauí, cuja sociedade apresentava uma classe dominante formada apenas de fazendeiros de gado, não havia praticamente comerciantes, ou eram muito pequenos e não tinham ainda adquirido a capacidade de se tornarem fazendeiros.

Então, para mim, até hoje, o trabalho no Jalapão tem esse significado muito importante. Eu fiz uma classificação, sem literatura de ninguém, simplesmente pela experiência de fazer a observação geográfica, e com a economia política na cabeça, eu inventei uma classificação de cidades que eu acho que foi a melhor que eu fiz até hoje. Então, essa é a história do meu primeiro trabalho.

**Geo UERJ** - Qual foi a influência de Ruellan na sua trajetória profissional?

O Ruellan, como outros professores franceses, teve um papel, como os outros tiveram, um pa-

pel no começo das Faculdades de Filosofia, não só no Rio de Janeiro, como em São Paulo.

Então, eu peguei essa fase dos professores franceses na Faculdade de Filosofia. Eu entrei, fiz o exame, a entrada na Filosofia foi em trinta e nove, eu comecei a estudar em quarenta, a guerra tinha arreventado em setembro de trinta e nove, primeiro de setembro de trinta e nove, eu não me esqueço até hoje. Era aluno no Pedro II: "Estourou a guerra" foi machete garrafal nos jornais...

Mas aí, esses professores, alguns já estavam no Brasil, na Faculdade de Filosofia, o Ruellan estava chegando, ele ainda não estava no Brasil em 1939, ele estava chegando do Japão, não da França. E fica no Brasil. Fica quinze anos. Em quarenta. E aí, ele chega no Brasil e é professor de Geomorfologia. Eu tinha entrado na universidade com boa nota, não por causa de Geografia, era por causa de Cosmografia, de desenho, eu era bom em Geometria, bom em Matemática, então problema do tipo da Astronomia, eu dominava melhor que os outros candidatos. Porque em geral, quem ia para Filosofia, era quem não tinha muito pendor para ciências técnicas. Ciências que exigiam uma lógica matemática. Então, eu também praticando a Geomorfologia, uma ciência da Natureza, onde mais do que nas Ciências Humanas, funcionam as leis lógicas. Quando você trata de erosão, de movimentos geológicos, você vai tratar de mecanismos que envolvem as leis da Física, da Química e as lógicas são as lógicas da Matemática. Então, eu fui um bom aluno em Geomorfologia. Além do mais, eu tinha uma educação européia, meus pais tinham vindo da Europa, então aquele negócio do rigor, de cumprir as coisas com certo rigor germânico, era a coisa lá em casa. Então, eu lembro que a primeira excursão... Porque aí o Ruellan introduziu o trabalho de campo, então me lembro da primeira excursão, ele marcou num sábado, todo mundo tinha que se encontrar às oito horas no Tabuleiro da Baiana. O Tabuleiro da Baiana era um ponto de bonde, lá no Largo da Carioca.

Então, lá no encontro, a gente ia pegar um bonde Gávea, e ia subir de bonde até a Marquês de São Vicente, no final; depois íamos subir, onde hoje é a Rocinha, e descer. Fizemos isso, de subir depois por Furnas, para ver Furnas de Agassiz, aquela coisa, chegar na Cascatinha, e depois voltar de bonde já do outro lado. Era esse o plano. Eu acredito que coisas desse tipo, além de eu ser um bom aluno, fizeram com que Ruellan tivesse um afeto especial por mim, eu era o aluno preferido dele. Isso realmente era em quarenta; em quarenta, a França cai, ele fica no Brasil, ele não volta, e ele começa a mexer os pauzinhos, faz jogo de influências no IBGE, naquele tempo, opinião de acadêmico estrangeiro pesava muito... e em quarenta e dois, consegue me nomear como o seu primeiro geógrafo da turma nova da Faculdade de Filosofia, da turma dele, nomeado para trabalhar no IBGE.

Ele fez História Natural, mas dedicou-se à Geomorfologia. Então, se poderia perguntar se naquela época, o papel de Ruellan se resumia à Geomorfologia, em que, tanto o IBGE, como o Ruellan particularmente, estivessem interessados. Interesses que davam margem a cursos, aprofundamentos de conhecimentos.

O Ruellan fez aquele famoso trabalho sobre a Baía de Guanabara nessa época, e treinava o pessoal em termos de melhorar a tecnologia, inclusive ensinando a fazer blocos diagrama... Mas ele também dava aula sobre Geografia Humana, e pouca gente sabe disso. Eu nunca me esqueço que ele dizia que a Geografia Humana era também uma ciência moral. Ele não queria dizer política, ele usava esse termo moral... Por que ele usava esse termo? Porque o que ele queria dizer também é que no texto geográfico se faz necessário escrever bem, dominar o vernáculo, descrever objetivamente o objeto, cuidando inclusive do estilo literário. Podia parecer supérfluo para alguns... mas era profundo o cara. A descrição significava uma arte, e nesse sentido, a Geografia era tanto ciência como arte. O que tem a ver com a minha preocupação com a Geografia

Cultural hoje. Então, havia esse movimento dele além da Geomorfologia, fazer excursões, treinamentos, etc., mas havia o trabalho do IBGE. E nessa época, um dos pontos que eu me lembro, que você podia perguntar, do que eu me lembraria de outros trabalhos que eu teria começado.

**Geo UERJ** - Em quais outros trabalhos o senhor participou ou colaborou no IBGE?

A Divisão Regional do Brasil. O Fábio organizou o trabalho com uma equipe, todos os membros da Sessão de Estudos teriam que participar desse trabalho.

A Divisão Regional através das Zonas Fisiográficas. E eu me lembro o seguinte, que para mim caiu o Estado de São Paulo. Não sei o porquê, mas acabaram me dando o filé mignon do Brasil, a melhor região do Brasil. Eu criei uma região que deu uma guerra. Porque tem que compreender uma situação política que é a seguinte: a visão do pessoal da esquerda que, se de um lado criticava o Estado Novo pelo lado autoritário de direita e sua opção pelo fascismo, por outro, apoiava o processo de integração nacional. Incluindo aí o fortalecimento de instituições que operavam em escala nacional... de certa forma reproduzindo o que nós vimos muitas vezes depois... que entre esquerda e direita se estabeleceram certas congruências... mas, na época, éramos contra o Estado.

Havia muita ligação entre anos de regime forte, de totalitário. Então, a gente era contra o Estado Novo, mas foi capaz de fazer a campanha da Constituinte, com o Getúlio. Eu participei desse negócio, nós fomos capazes de fazer isso.

Então, a visão do poder federal se impondo às autonomias estaduais e municipais... Na época, isso era mais importante, o Brasil como entidade nacional, desenvolvida, o antiimperialismo, era muito mais importante que a liberdade do município ou do estado. Isso não era verdade para os paulistas.

O IBGE era um órgão federal e nós estávamos querendo tudo que estava desenvolvendo em ter-

mos de ideologia, impingir ao país via um órgão federal. É claro que os outros resistiam a isso.

É a mesma história que falamos quando tratamos da Geografia quantitativa. Havia pretextos para não experimentá-la, não muito válidos. Eu, que estava no IBGE, já com o olhar político dirigido sobre o Brasil, comecei a achar que não, esse país já não é simplesmente um país agrário, como uma “República de Bananas” da América Central, nem é o Uruguai... E São Paulo era o lócus do desenvolvimento do setor privado da indústria brasileira. Na época, ainda se via a Geografia muito ligada em *habitat*, associada a visão agrária de produtos, café, onde tem algodão, onde tem cacau, me chamou a atenção que teria uma área que seria o núcleo brasileiro de uma nova área... E para mim, era a região de São Paulo. Então, chamei de Região Industrial de São Paulo... o nome zona fisiográfica era esdrúxulo, mas esta era a nomenclatura criada para a Divisão Regional dos anos 40.

Ela concebia tudo segundo uma estruturação comandada pela Geografia Física. Era uma loucura, mas achava-se que a região era uma superposição do humano sobre o físico, e que o ambiente físico comandava. O que não daria margem a uma zona industrial. Falar, por exemplo, de Zona Fisiográfica do Cacau era possível justificar... você podia dizer... “Ali é tropical úmido na Bahia e tem cacau. Ali no Agreste, tem seca e aí tem algodão seridó, então é natureza e produção... na economia agrária.” Mas chamar de Zona Fisiográfica Industrial... seria uma loucura! Como um suposto quadro natural daria margem àquela área industrial?

De modo que seriam duas loucuras utilizar o termo Zonas Fisiográficas para distinguir áreas diferenciadas pela ocupação econômica e aplicar o termo para espaços urbano-industriais. E deu um pau na Assembléia de Lorena. Por quê? Porque os paulistas, na verdade, de um lado... eles não gostaram de, de repente, o IBGE dizer como é que se deve organizar a regionalização de São Paulo.

No fundo, era isso. Eu já era conhecido, era jovem, e você sabe como são os jovens, fazia loucuras, provocava, fazia... como é que chama? Pröselitismo político, usava para fazer, fazia o diabo, era muito provocador...!! Eu, até hoje, continuo provocador, em reuniões se reclama, que eu falo muito. Vem daquela época, quando o pau comeu, mas ficou... pela primeira vez, entrou o nome industrial numa área brasileira. Região Industrial de São Paulo.

Outro trabalho que surgiu nessa época também, nesses anos de quarenta a cinquenta, surgiu a idéia de uma Geografia aplicada... o projeto da Bacia do São Francisco é um bom exemplo...

**GEO UERJ** - Qual foi o papel do IBGE no processo de planejamento realizado pelo Estado Brasileiro, e qual foi a participação dos geógrafos nesse processo?

É a partir de setenta, ele, o IBGE, é convocado para participar do Planejamento, antes não. Antes ele procura se imiscuir, quer dizer o seguinte, não houve da parte do Governo um pedido de trabalho dirigido ao IBGE: "Olha, vem fazer o trabalho do São Francisco" ou "Vem estudar aonde localizar projetos no Vale do São Francisco." Não é nada disso. No caso do São Francisco, havia uma empresa chamada Vale do Rio São Francisco, que ficava no Rio do Janeiro, onde tinha o Salomão Serebrenik, se não me engano, e outros, que conheciam o trabalho do IBGE, e foram eles que começaram a sugerir que o IBGE participasse. É de baixo para cima, não é de cima para baixo.

Em 1967, quando é estruturada a Fundação IBGE, estávamos no Governo Costa e Silva e o no segundo período do Ministério de Planejamento e Coordenação Geral que havia se iniciado com Castelo Branco, com Roberto Campos como Ministro. No de Costa e Silva, o novo Ministro era Hélio Beltrão e o Presidente do IBGE era o Sebastião Aguiar Aires... nesta época, o IBGE estava no Ministério do Planejam-

to. Contudo o IBGE atua como consultor. Não para fazer projetos de planejamento propriamente, mas fornecer estatísticas, descrições geográficas, fazer censos. Para subsidiar o Planejamento. Ele também é marcado, de certa forma, por uma tradição que vem da Sociedade de Geografia e do Instituto Histórico e Geográfico... então, dentro da sociedade brasileira onde, desde a monarquia, há uma cultura geográfica e histórica que subsidia o pensamento das lideranças nacionais e estaduais e locais. O IBGE passa a participar disso, não para executar trabalhos, ou projetos e planos. Se há uma demanda do Governo Federal? "Você vai me fazer um estudo, onde eu vou localizar." Não há, tanto que, no exemplo da localização do novo Distrito Federal, não influenciou em nada, quando foi resolvido não teve a ver com os resultados do estudo, que não priorizava Goiás. Então, veja bem, então o que há é o seguinte, quando o Brasil entra nessa fase de maior institucionalização de processo de planejamento, o IBGE tenta entrar por baixo...

Ele entra, mas os trabalhos dele são convocados... porque alguém numa agência federal ou estadual achou interessante o enfoque proposto, porque ele, o IBGE, resolveu bancar com o seu próprio dinheiro, fazer um trabalho, contribuir, ele vai contribuir para o estudo da localização da capital, ele se propõe a contribuir, porque o Leo Waibel está aí, e vai fazer a discussão com o Leo Waibel, porque vai se estudar Colonização, que supunha-se, iria contribuir para o quadro do pós-guerra... No IBGE, escolhem-se os temas. Nós escolhemos os temas para contribuir. Mas para o Governo, o IBGE é um órgão que, quando ele quer, ele chama para fazer censo, estatística... isto até o regime autoritário pós-1964. Essa era a estrutura inicial. Mas, ao mesmo tempo em que o Brasil foi ficando mais complexo, vão surgindo novos órgãos que vão servir para o Planejamento. Então, você vai ter, já na época do Juscelino, a criação da SUDENE, que vai servir ao planejamento regional, mas nem a divisão regional do IBGE é respeitada, porque se faz uma nova divi-

são oficial a que o IBGE deve seguir a reboque. A nova divisão em macro-regiões é induzida pelos processos de criação da SUDENE e da SUDAM.

Então, começam a entrar em jogo outras forças, a Fundação Getúlio Vargas, que é criada, em termos da economia. Então, começa a haver a necessidade de outras linhas de ação, inclusive a territorial, e como eu disse a você, já não comandadas pelo IBGE. As criações da SUDENE e da SUDAM e a nova divisão macro-regional já são partes de um processo da área dos economistas. Então, os economistas vão ganhando força. Vão levantando a cabeça. Juntando-se a isso, as brigas dentro do IBGE, quando o pessoal se preocupava mais em brigar do que enfrentar o problema de se ajustar às novas realidades do país... Você sabe que isso aconteceu até anos recentes. E todo o campo da Geografia, isto é, o campo incluindo geógrafos fora IBGE, em outras instituições, nos anos 70, 80... o pessoal preferia brigar entre si do que defender os interesses da posição de disciplina em participação de gestão do país, ou do que fazer uma frente para defender os interesses da Geografia.

Então, várias coisas aconteceram, uma delas é que fomos desalojados da direção do IBGE. Os geógrafos lograram, no passado, atingir o segundo escalão de direção no IBGE, dirigiram o Conselho Nacional de Geografia, depois, um chegou a ser o Diretor Geral do IBGE (Speridião Faissol) e depois foram perdendo terreno, alcançando apenas a chefia do Departamento de Geografia, 4º escalão.

As brigas entre geógrafos do IBGE, antes do regime militar, possuíam uma característica que desapareceria depois. Os geógrafos procuravam apoiar-se nas agremiações partidárias do país, via parentescos, inclusive, para alcançar o poder, via UDN ou PSD. Mas havia também oposição entre esses geógrafos, por posturas ideológicas assumidas e que tinham a ver com os partidos. Alguns apresentavam postura liberal maior, ligados a UDN, como o casal Bernardes, outros

com postura mais pragmática ligados ao PSD, como o Jorge Zarur e o Faissol e outros, de postura populista, como o Veríssimo Costa Pereira, ligado ao PTB. As brigas não eram só na Geografia, entre os grupos do Zarur e Faissol contra o de Fábio não. E tem outro elemento, que é o seguinte: tanto as turmas da Geografia, como a da Estatística, não progrediram suficientemente para enfrentar o Brasil contemporâneo. É fato que a Geografia tinha, vamos reconhecer, pessoas que não eram cientistas, no sentido mais profundo da palavra. Eram pessoas inteligentes que apareceram, sem maior formação científica, que seguiam uma Geografia antiga, que era de uma tradição que vinha desde o século passado, sem maiores revoluções. Essas pessoas não acompanhavam facilmente qualquer mudança de paradigma, não observavam o que acontecia na Antropologia, na Economia ou na Sociologia, não tinham uma preocupação epistemológica.

Quanto às outras ciências, não precisavam acompanhar a Geografia, quando o objeto espaço ainda não alcançava o significado que tem na atualidade. As outras cujos objetos eram os processos sociais e econômicos, como a Economia, Sociologia iam se aprofundando na medida em que o país se tornava cada vez mais complexo, sem dar maior atenção às mudanças na organização territorial brasileira, ou seja à Geografia brasileira.

Já a disciplina Geografia não soube alertar para isto. O próprio significado do espaço, e não apenas a sua descrição em termos de comparação, mas como componente do processo social foi alcançado por um filósofo, Lefebvre. A estatística tampouco se elevou neste período pré anos 70, apresentando um trabalho sempre com atraso, toda a organização, inclusive, a questão logística era uma coisa antiquada, atrasada, então... juntando tudo isso, esse conjunto foi perdendo importância, para que sozinho servisse ao Presidente da República, ao Ministério, no sentido de políticas, ele não tinha condições de formular políticas. Ele poderia sim, ajudar aos que formulavam políticas. E foi o que aconteceu. Porque o

órgão... não era capaz de definir linhas teóricas para o processo do desenvolvimento brasileiro, não tinha capacidade, nível, para dizer os caminhos que o Brasil devia seguir em termos de política econômica, em política de trabalho, ou mesmo política de gestão, que não é simplesmente conhecer o território. Gestão é muito mais do que dizer como estão... as regiões, isso não é suficiente para você definir política de gestão. Então, esse órgão que não foi capaz de acompanhar, de quarenta para sessenta, as mudanças que o País vinha fazendo com a industrialização e a urbanização, não foi capaz de acompanhar a complexidade do processo... os geógrafos ficaram sempre na "Geografia pequena", não foram capazes de inscrevê-la numa cultura maior. Veja o Milton Santos lutando contra isso, ele tinha que saber o que estava escrevendo o Sartre etc.. Somente muito depois, nós percebemos que a Geografia precisava entrar numa corrente de saber muito maior. Antes não.

**Geo UERJ** - Poderia nos relatar como foi trabalhar com Leo Waibel?

O Leo Waibel era chefe do grupo, com Leo Waibel foi o Pfeifer, foi o Egler, fui eu, e talvez mais alguns auxiliares, eu não me lembro mais, mas do que eu me lembro era do Egler, do Pfeifer, e do Leo Waibel, e naquele tempo a opinião do Leo Waibel era muito importante, porque ele foi trazido pelas lideranças, pelo Fábio e pelo Orlando, que fizeram ele vir de Winsconsin... O Orlando estava interessado em Geografia Agrária e colonização e o Waibel era considerado um especialista no assunto. Os geógrafos humanos eram, nos anos 40, o Orlando e o Veríssimo, sendo que o Veríssimo não era do grupo Fábio. O Faissol entra também trabalhando com clima, um pouco de vegetação, mas ao se agregar com Leo Waibel nessa história, passa a trabalhar também com colonização e geografia agrária. É aí que eu fui mandado para trabalhar com o Leo Waibel. Estar com o Leo Waibel significa o

seguinte: ou você era reprovado, e você estava jogado fora; ou você era aprovado, aí você era promovido. E acontece que o Leo Waibel gostou de mim, ainda mais que ele vem com aquela idéia de sistemas agrícolas, que ele trouxe, e eu comecei a fazer comparações entre sistemas agrícolas e estruturas sociais. É uma visão estrutural. Não era uma descrição, por descrever, por impressão, havia um pensamento histórico e lógico, estrutural, havia uma estruturação. Aí nos demos muito bem, e, quando eu voltei, ele me elogiou muito dessa excursão. E aí, eu que não tinha tido nenhum posto, e era ignorado pelo Orlando Valverde, passei a ter um lugar no grupo...

Fui aprovado. E aí, eu fui nomeado chefe da Região Sul. Então, eu tive a honra de ganhar uma primeira chefia no Departamento de Geografia, porque fui aprovado pelo Leo Waibel.

Na verdade... veja o que era a presença estrangeira, você para ser aceito pelos seus... tinha que ser aprovado por um mestre estrangeiro, embora quem mandava não era ele. Era o Orlando que mandava, era o Fábio que mandava, era o Ruellan que mandava. Diga-se, o Ruellan sempre teve a resistência do Orlando e do Fábio, foram contra o Ruellan o tempo todo. Diziam que era intrometido, mas na verdade foi porque não foram eles que o trouxeram.

No caso do Leo Waibel não, era uma intromissão estranha, mas eles aceitavam, porque foram eles que convidaram. Mas, de qualquer forma, você vê que era uma intromissão de fora, tanto de um quanto de outro, e o que eles diziam valia. Eles eram os papas, os que entendiam das coisas.

Então, eu comecei uma nova fase em mil novecentos e cinqüenta, por influência do Leo Waibel. Isso acaba com o Leo Waibel. Em termos da Geografia atual, ainda existe um pouco disso até hoje na Geografia... esse processo de uma personalidade forte, que dá o rumo.

Então, quando chega o Leo Waibel, eu sou nomeado chefe da Região Sul. Só que eu já estava achando esse negócio de sistema de caboclo, ro-

tação de culturas, tudo isso pertencia a um mundo maior, e que era da história econômica européia, tudo vem da Europa, mas que agora havia um processo de industrialização que afetava a própria agricultura.

Então, a questão urbano-industrial estava sempre na minha cabeça. E aí, em mil novecentos e cinqüenta e dois, mais ou menos... nessa época de mil novecentos e cinqüenta, aparece a Regina Rochefort, no Brasil.

O relacionamento de Regina com Michel Rochefort se dá por volta de 1950/51, em Paris, pois Rochefort era aluno de Pierre George, isso foi antes de seus estudos de doutoramento sobre a rede urbana da França que acontece em 1955/56. Na vinda de Rochefort no Congresso da UGI, em 1956, eles já eram casados, mas em 1951/52, quando Regina volta para trabalhar no IBGE, o que havia era essa situação. E nessa situação, a Regina, que já estava amasiada, não sei se estava casada... Chega e traz a Geografia francesa nova para mim. Ela trabalhava no IBGE, mas saiu para estudar em 1949 ou 50, e como era filha de um Almirante, ficava o tempo todo na França. Mas chegou um momento que ela não podia mais ficar, ela tinha que passar pelo Brasil, para ficar um pouquinho, para poder renovar a licença de trabalho e voltar para lá. Coisa que ela conseguia porque era filha do Almirante Espíndola, que era grandão na Marinha e representante da Marinha no Diretório Central do IBGE. Só isso. Então, você já viu como é que é. E aí, ela vem, tínhamos iniciado os estudos na Baixada Fluminense... ela estava lotada na minha chefia, e aí, o Zarur toma posse, e há uma briga terrível dela com o Zarur na minha frente. Eu era chefe. Eu não tomei o partido do Zarur, não me manifestei. E eu, invés de... puni-la, fazer isso e aquilo, eu não fiz... conclusão, perdi a chefia. Regina volta para a França e casa-se com Rochefort... Hoje, eu acho que a briga com o Zarur foi de caso pensado, para ter um pretexto para voltar para a França...

Aí, o Zarur criou o grupo da Baixada Fluminense, então isso é criado em cinqüenta e dois. E aí,

eu que tinha trabalhado com Leo Waibel em agrária, com a Regina em área periurbana, fizemos então o livro da Baixada Fluminense, *Estudos Rurais da Baixada Fluminense*, que foi editado em 1954.

A Regina saiu, e aí, ficou a Miriam Mesquita. O grupo da Baixada era Orlando, Miriam Mesquita, eu, e a Regina. Esse era o grupo. Nessa época, quando a Regina vem, e o grupo foi formado, no começo, nós ficamos estudando Geomorfologia na Baixada, e aí depois, fomos acusados de fazer propaganda, de distribuir folhetos comunistas, o que não era mentira. Depois, a Regina vai embora, e o livro fica só com a Miriam. Mas essa é a última fase praticamente de Geografia Agrária, da influência de Leo Waibel.

**Geo UERJ** - Como ocorreu o seu contato com o marxismo na Geografia das décadas de 1940/50?

Um ponto interessante era... que, na época, não havia marxistas para serem citados na Geografia. ... O Caio Prado Júnior fez o curso de Geografia e História, publicou um artigo geográfico, mas voltou-se para a História. No meu livro sobre a rede urbana, o Caio Prado era muito citado.

Mas o fato era que o marxismo estava fora da Geografia. E naquela época, eu me lembro, havia dúvidas no marxismo quanto a Geografia Humana como ciência. Do mesmo modo, que havia no marxismo postura contrária à psicanálise, a psicanálise era um negócio burguês e na União Soviética era proibido. Quanto a Geografia Humana, seria uma parte da Economia Política. A Sociologia seria uma invenção; a Antropologia eu acho que aceitavam, mas o resto seria tudo capítulos... de uma ciência maior que era a Economia Política. Porque não tinha nada de marxismo, e naquele tempo a Sociologia era uma sociologia justamente que se opunha a tudo que havia, não se opunha, mas ignora, não está preocupada com o materialismo histórico, com a luta de classe, a Sociologia não estava interessada nisso. Então, a Sociologia é um motivo de

atraso da Revolução. Porque o conceito de Sociologia significava uma perda da totalidade que deveria estar com a Economia Política e desse modo haveria um impedimento com a visão unitária, o que seria motivo de atraso da revolução. Então, na verdade, a concepção era de que só havia uma ciência social, chamada economia política, o resto são aspectos de uma economia política. A própria Geografia não existiria, poderia existir a Geografia Física... dentro das ciências físicas, e daí, se você pegar no livro dos russos, da época, você vai ver que eles só trabalhavam com Geografia Física, Geografia Humana na Rússia não existia... na verdade, o que existia era uma forte escola sobre solo, sobre clima... Então, a Geografia era a ciência da zonalidade, havia a teoria da zonalidade. Seria geográfico aquilo que na esfera terrestre variasse de acordo com a zonalidade. Então, o que varia? As zonas fisiográficas, as zonas climáticas. Mas como a sociedade não podia ser vista do ponto de vista dos determinismos físicos, o marxismo russo é aliado na posição contra o determinismo físico, a única coisa que pode acontecer com a sociedade são os processos econômicos. Ah, mas e a Geografia Humana! A Geografia Humana não existe.

Então quando surgem os franceses em cinquenta e seis, para nós foi uma revelação, existem escolas que se dizem marxistas. O Tricart, o... Jean Tricart. E aí há uma briga bruta, o Tricart chega a falar numa Geomorfologia Marxista, e aí há uma briga dele com Pierre George... sobre isso, Pierre George não aceita uma Geomorfologia Marxista. Surge então a turma jovem, é..., Rochefort, e o homem que era da Geografia da guerra? Yves Lacoste. É todo um grupo que, de repente, surge no Congresso da UGI... e discute com a gente, eu fiquei maravilhado. Maximilian Sorre nunca foi marxista e era do grupo do Lablache. Ele já é uma transição, mas não é absolutamente Geografia Marxista. O Pierre George também é uma transição mais próxima, mas não é ainda Geografia Marxista.

Hoje, nós sabemos, e eu já ouvi crítica no Brasil, que a vontade dele era fazer Geografia Marxista, mas não era Geografia Marxista.

Hoje, você sabe que nós colocamos essa Geografia como sendo um protótipo da quantitativa, ou da idéia sistêmica, ... sistemas urbanos, aquela coisa toda...

São estruturalistas. Mas não são marxistas na ciência, são marxistas do ponto de vista do comprometimento político da França, e do mundo. Eles, como cidadãos, estão engajados no processo do Partido Comunista Francês, deles, todos eles. Como cidadãos. E possivelmente por isso, achavam que a Geografia que eles faziam expressava o marxismo. Achavam.

Mas, hoje, ninguém considera que aquela Geografia tenha sido uma Geografia Marxista.

Por isso, nega-se a existência de uma Geografia Marxista anterior à reação à Geografia quantitativa.

E por isso, eles negam uma Geografia Marxista anterior. A única briga que eu tenho, com os meus amiguinhos, é que antes dos franceses chegarem... aquilo que eu te contei, eu acho que eu já tinha uma idéia do que seria uma Geografia Marxista, quando no Japão eu dizia que as cidades deviam ser consideradas segundo as classes sociais que nelas dominavam. É diferente. Lefebvre é desconhecido nessa época para nós. Para mim não, porque eu comprei o livro dele em 47... mas o Lefebvre para mim, o meu Lefebvre era um cara da Filosofia, da lógica, e não da ciência social, porque o livro que eu comprei, era *Logique formel, Logique dialectique*. É um livro, eu não sei se você conhece o livro, eu tenho até hoje guardado, é de mil novecentos e quarenta e sete, a primeira edição, ele é um livro de lógica, de epistemologia... Ele não gostava da palavra epistemologia, ele foi contra... Não. De lógica dialética. É uma crítica à lógica formal e uma defesa da lógica dialética. Até hoje eu me lembro da oposição que ele tem entre termo e conceito. Até hoje eu me lembro a discussão sobre a palavra termo. Aí ele dá um exemplo, cavalo é um termo, porque enquanto o bicho tiver

quatro patas, ele pode ter cauda, mesmo que sejam aquelas orelhas, um pouco mais alto, um pouco menor, é cavalo. É um termo, porque há um momento que se falta uma das características chega-se a um termo, a um final de características que definem um cavalo. E aí, ele entra com a palavra conceito, mostrando que o conceito se refere a um momento de um movimento, que termo é formal porque se prende às características, não a um movimento.

Enfim. O Lefebvre nessa época não existe na ciência social – pelo menos para mim, para mim, ele é mais um livro da teoria marxista, um teórico marxista, e não um estudioso que vai ser depois, sobre a revolução urbana, sobre o espaço, etc, etc.

E aí, em 1956, chegam os franceses, e a gente adere a eles, mas pela postura política que eles representam, e achando que era um serviço a favor, digamos, da causa. E achando que o fato de ela não ser uma Geografia Marxista, não era muito importante, na medida que a Geografia também não era muito importante. O importante era a economia política, a gente fazia Geografia porque era um capítulo.

Então, no fundo, se a gente vai fazer redes urbanas, isso são estudos técnicos, sistêmicos que vão ajudar o conhecimento de alguma coisa que é maior, que é a economia política que vai se ocupar. Eu também falhei por não saber na época fazer a crítica no livro, que é do início dos anos sessenta, mas é resultado da influência da reunião de cinquenta e seis, a influência da escola francesa.

**Geo UERJ - Qual foi a influência do Congresso da UGI realizado no Brasil em 1956?**

Então, cinquenta e seis, acontece esse fato do congresso, e começa a haver realmente, institucionalmente, um grupo que começa a querer se apresentar, um grupo de esquerda, dentro do IBGE, e na Geografia.

Ele vai funcionar, vai atuar, vai levantar ques-

tões, naturalmente que eram caras politicamente a essa orientação, que era a urbanização brasileira e a industrialização brasileira, mas a linha epistemológica passa ser funcionalista por influência de George/Rochefort. Daí eu me interessar em fazer o trabalho sobre a indústria... no sudeste, o urbano. Interessava apontar na geografia, fazer uma geografia que ao mesmo tempo descrevesse o processo histórico brasileiro, o espaço brasileiro, se industrializando e urbanizando. É isso que está acontecendo. Isso atravessa os anos sessenta, com Jango, e aí entra o governo militar. A entrada do governo militar teve um papel de esse grupo... não poder se apresentar como tal. Então as pessoas começam a evitar apresentar uma identidade de grupo. Não podia mais dizer: "Esse é um grupo marxista dentro do IBGE." Não podia mais. "Ah, é grupo marxista? Então, põe ele na prisão." Então, o grupo se desfaz da sua identidade. E depois, por "n" razões começa a haver divergências pessoais, nessas divergências pessoais, a divergência básica era entre eu e o Orlando. Os outros aderem ao Orlando, com exceção de um que fica no meio termo, entre eu e o Orlando. E, hoje não mais, mas até recentemente eu acho que estava mais ligado a mim do que ao Orlando, que era o Rodolfo Pinto Barbosa.

Porque o grupo não eram só geógrafos, nesse grupo marxista fazia parte o Rodolfo, ele era cartógrafo. O Rodolfo foi o único que não rompeu comigo. A Miriam não rompeu formalmente, ela continuou conversando comigo, mas se ligou ao Orlando. E o Orlando, quer dizer... rompeu comigo... os dois importantes geógrafos eram eu e ele nessa área, esse rompimento atrapalhou tudo, acabou tudo isso.

Entramos no governo militar. No governo militar, eu sou colocado como elemento de ligação com o IPEA. O que acontece nessa passagem do governo militar? Acontecem várias coisas, primeiro, a Geografia, o IBGE, acaba sendo atrelado ao Ministério do Planejamento. No começo, o presidente era um juiz, como é que era o nome dele?

Desembargador... Mas não importa o nome, depois do desembargador não sei mais quem vem, mas depois aparece na época do... Isaac Kerstenetzky, que foi um momento importante. O IBGE, então, é atrelado à ação do Planejamento. Eu sou colocado no IPEA como elemento de ligação. Na mesma época, sessenta e quatro, sessenta e nove, vem o Brian Berry ao Brasil; antes do Brian Berry vir ao Brasil, veio o John Friedman. O que significa isso? Significa que começa a se criar um sistema tecnocrático brasileiro de planejamento, de análise do espaço, em termos de organização de espaço. E esse grupo, essa tendência, que envolve um setor de economistas brasileiros, que ao contrário de nós, geógrafos, que tínhamos feito toda a nossa história junto aos franceses, já estava ligado aos economistas de língua inglesa; e uma série de coisas importantes trazidas desses centros, se ligando a este centro, e que vinham ocupando um espaço, desalojando os arquitetos. Era economia urbana, mas também era economia de um modo geral. Porque tanto os geógrafos, como os sociólogos, como os arquitetos, todos queriam dar palpite sobre o Brasil, de modo geral, na sua área, mas pensando no Brasil. Só que a linguagem deles, por si só era insuficiente para conduzir o Brasil. E os militares... vão procurar os economistas, criar a chamada técnico-militar, que tem economistas, principalmente para trabalharem com modelos macro econômicos, a Econometria, porque vão medir coisas, que até hoje se mede, essa é que é a verdade...

Mas hoje não se fala de quem mede, como se falava naquele tempo. Naquele tempo, quem media não era economista, economista ia fazer uma história econômica. E aí, chegam alguns pesquisadores estrangeiros para visitar e ver o que está acontecendo, principalmente os que tem relação com o planejamento, e um deles é o John Friedman. John Friedman vem para visitar o IPEA, e aí o mandam ir ver o IBGE. Porque o IPEA está interessado em utilizar o IBGE para ele juntar alguma coisa. O que quê o IBGE... a

estatística eles sabiam que podiam dar, mas o quê a Geografia podia dar? Para que serve esse negócio? Para que o Estado pagar essa coisa, para fazer o quê? É claro, que a Geografia vai fazer crítica, estudando os resultados da política econômica, através do espaço. Isto é válido.

No entanto, fica difícil colocar a ação e a crítica à ação no mesmo órgão de governo. Para isso, existe a Universidade. Você não está no IBGE apenas para fazer crítica, você pode até fazer, mas você não está no IBGE para fazer teoria crítica, você pode até usar para contar como devem ser feitas essas coisas, mas estão querendo que você faça planejamento, que você contribua para linha. Então, o IPEA estava querendo isso dos geógrafos. Eu me lembro até hoje, eu e mais alguns colegas, a gente pegando aqueles mapas do Brasil, que deveriam ser superpostos para que se pudesse refletir sobre interações, e aí sim, representavam o que se achava, o fazer da Geografia para atender o que IPEA queria... realização.

Então, nós estávamos fazendo nossos mapas, estávamos fazendo as regiões homogêneas. Apresentamos os mapas ao John Friedman, e ele olha aquilo e... a gente fazia o que sempre fez, coloca um mapa em cima do outro: "Tá vendo, como isso está ligado àquilo?" Ele se vira e diz: "Por que vocês não fazem como o Brian Berry faz?"

Na verdade, é uma coisa muito simples, o Brian Berry usa a quantitativa para fazer aquilo, ao invés de ele perder cabeça para comparar mapas, a máquina faz.

Uma grande questão da UGI é vivida nos anos 50, bem antes do regime militar. Como disse antes, a preparação do Congresso da UGI no Rio se iniciou antes do governo JK e ficou centralizado no IBGE. Participaram outros profissionais de outras instituições... além do Hilgard da UB, o Peluzo, de Santa Catarina, Mario Lacerda de Melo de Pernambuco e muitos outros e aí há um esforço para transformar a Comissão Nacional da UGI em um órgão oficial privado. Aqui é claramente o interesse de pessoas de outros órgãos e esse interesse aumenta quando Zarur vol-

ta ao poder do CNG no governo JK e na direção de Jurandyr Pires Ferreira no IBGE... A posição da Comissão Nacional da UGI começa a ser a posição do IBGE... o cara forte na UGI é o que está forte no IBGE. E quem está fraco no IBGE se compensa ficando no IPGH. Quer dizer, o poder do Estado começa a unificar, mas antes ainda tem muita divisão, porque ainda há restos do antigo conflito entre Fábio e Zarur... O governo militar é o que mais uniformiza, superpõe. Mas isso era no começo do regime militar... Então, Orlando, amigo do Fábio, é o segundo homem no IPGH, depois do Fábio, o terceiro homem é um casal, Nilo Bernardes e Lysia Bernardes; e o quarto é Pedro Geiger. Nós estamos lá no IPGH, o Orlando não fazia muita coisa no IPGH, era mais o título; o Fábio gostava sempre de ter pessoas que fizessem as coisas por ele; quem é que descobriu isso e procurou ampliar a sua presença junto ao Fábio, a sua amizade junto ao Fábio, e ganhar prestígio junto ao Fábio, quem? O casal Bernardes.

Orlando, de quem o Fábio era compadre, começou a sentir que o Fábio estava cada vez mais se entregando ao casal Bernardes. Então, a raiva dele era muito grande contra o casal Bernardes. Principalmente, porque o Nilo começa a aparecer como um geógrafo agrário, e o Orlando era o grande geógrafo agrário, então há uma rixa dentro do grupo do Fábio... Havia uma rivalidade entre os dois, quem seria o rei na Geografia Agrária. Então, os dois já não se entendem muito bem, mas o Orlando nunca vai reconhecer que é por ciúmes, isso e aquilo. Para o Orlando, é porque o Nilo é UDN e ele é comunista. Então, ele logo põe o ideológico... que é o que se faz até hoje, usar o ideológico para interesses pessoais. Então, eu sempre com aquela preocupação bíblica, dos profetas – justiça, percebia que a coisa não era tão simples nessa disputa, e também eu não podia aceitar ciúmes, eu achava que tinha lugar para todos. Então, já havia uma certa animosidade para comigo... o Orlando achava que eu, como amigo dele, devia sempre estar ao lado

dele e contra o casal Bernardes, ainda mais que eu levei algumas rasteiras do casal Bernardes, eu gosto muito deles, respeito, honro a memória deles, mas havia esses pequenos percalços... a Lysia me deu umas rasteiras...

Bom, então o Fábio cada vez dava mais poder ao Nilo e a Lysia. Por exemplo, trabalhos que deveriam ser feitos pela comissão, o Fábio geralmente encarregava o casal e a mim das tarefas, porque sabia que o Orlando não gostava das ligações do IPGH com a OEA, o IPGH era considerado um órgão dos americanos.

A tese do Orlando era trabalhar o menos possível para o IPGH, mas apenas tirar vantagens, mas não era essa tese do Fábio, que não dizia nem sim e nem não, mas o Fábio estava interessado nele, Fábio, de apresentar... Então, quem é que resolvia a parada? O casal Bernardes e eu...

**Geo UERJ** - Como o IBGE foi incorporando os métodos quantitativos que chegaram ao Brasil no final dos anos 60?

Eu sempre tive na cabeça o significado realmente dos princípios da dialética, aquela idéia da quantidade, a qualidade, a relação das quantidades críticas, aí é um dos princípios da dialética, então, para haver sempre a linguagem quantitativa, eu tinha um respeito, e uma vontade de dominar, e de achar que fazia parte do processo científico. Eu sempre achei isso. Então meu primeiro contato com a quantitativa... Eu me lembro até hoje, quando... Ah, sim, eu estava contando que o Friedman disse “Por que vocês não fazem o que o Brian Berry faz?” Aí o Nilo Bernardes me disse, “Tem um livro dele, lá na comissão de geografia do IPGH.” Eu: “Ah, eu quero ver.” Abri o livro, tinha uma introdução sobre fluxos de *commodities* na Índia, fluxos de mercadorias na Índia. Aí eu abro o livro e começo a ler uma introdução belíssima, daqui a pouco ele começa a passar, “vamos descrever isso, vamos descrever aquilo”, e começa a descrever e tal, eu começo a ler e aí não estava entendendo mais

nada... era o livro de um geógrafo, é um livro de Geografia, e eu fiquei angustiado, como é que eu estou lendo um livro de Geografia e não entendo nada? Achei que tinha que aprender aquilo.

Mas, nesse ínterim, eu tenho que ir para o México, e encontro o John Cole. Apresento o meu trabalho e o John Cole se aproximou de mim, e começa a me dar trabalhinhos dele, “Olha, tem de ser assim, tem de ir nesse caminho.” Eu fiquei, “Ah, é?” E volto para o Brasil com aquela impressão do John Cole. Mas não acontece muita coisa... mas o fato é que eu sou mandado para dar aula na Columbia University.

O John Cole me mandou uma carta dizendo que vem para o Brasil. Eu respondi para ele, dizendo “Olha eu estou indo para Columbia, você procura Marília Galvão (que, nessa época, era diretora do departamento) e o Faissol. Procure-os, fale no meu nome e vê se você faz umas conferências lá e etc.” Quando eu volto, ele já estava no Brasil, tinha acabado de chegar e tal e eles tomaram conta dele. E a minha relação com ele passou a ser uma relação marginal no IBGE, mas em casa, ele foi na minha casa, e temos uma amizade até hoje... eu mantenho correspondência com John Cole, mas do ponto de vista profissional os dois se apossaram do Cole. O Glaycon de Paiva ocupa uma posição no governo militar e o genro dele, um arquiteto, e é o Cole. E criou-se o SERFHAU. Que é uma condensação, é uma afirmação de um processo em que os arquitetos começam a fazer planos diretores para a cidade. Então, eles ganham a chance de fazer isso oficialmente, porque antes eles tinham que fazer um esforço de vender para as prefeituras. Agora eles vão fazer isso no atacado... O John Cole vem por conta própria ao Brasil, com ajuda da Embaixada Inglesa... Do Conselho Britânico, que dá para ele uma bolsa para ele vir e tal, porque a mulher dele é peruana, latino-americana, então ele quer vir ao Peru, quer vir ao Brasil. Ele vem para cá, mas não é que ele tenha sido solicitado, não é o caso do Friedman, e do Brian Berry, que vieram

por via institucional. E se eu não me engano, essa primeira visita dele é muito curta, a do Brian Berry; depois o Faissol promove uma vinda mais longa dele, e aí é para o IBGE. Mas a primeira vinda dele foi para passar dois dias, fazer uma conferência, falar com o pessoal do IPEA... Porque o pessoal do IPEA não estava nessa de receber professores para ensinar, eles já são bem maiorzinhos. Aquela idéia dos geógrafos brasileiros de serem alunos lá fora, e o professor estrangeiro que havia sido o orientador dele, ser convidado para vir e passar um tempo, dando aula, dar curso e etc,.. isso já não era regra geral, com os economistas não tinha nada disso, “vem, fala aí o que você acha... eu quero saber o que você está fazendo porque eu sei fazer sozinho, você falando eu sei tirar minhas conclusões e fazer sozinho.” Tem que se tirar o chapéu para isso, não se pode negar isso. Não pode negar. São mais maduros, os economistas... por causa da matéria mesmo... E a visão deles é de quem tem que tomar decisões. Enquanto os geógrafos estão tendo a postura de servir a alguém, fazer uma descrição para o Governo, dar informação para o Governo, eles se sentem... eles são o Governo, eles têm que tomar decisão. É uma diferença brutal de atitude. Eles são adultos, maduros, e nós somos ainda infantis perante os economistas, e não adianta querer se enganar... como eles tomaram conta do IBGE... foi por mérito, não foi por pistolão, foi por mérito.

**Geo UERJ** - Como você, sendo um marxista, percebeu a entrada de um regime que, apesar de ser apoiado pelos liberais, assumiu ações de planejamento centralizado? Não era uma contradição?

A grande contradição era “Abaixo o Planejamento”, e de repente o ministro todo-poderoso era o Ministro do Planejamento. Enfim. Diante daquele quadro, eu acho que começa uma nova fase no meu processo, no meu processo pessoal, eu começo a ver que o problema, o processo social brasileiro é bem mais

complicado ou complexo do que a gente estava imaginando antes.

Eu começo a verificar que a questão da Geografia é uma questão bem diferente do que eu pensava antes, e aí, eu começo a querer entender das coisas.

Então, eu começo a fazer Geografia quantitativa porque achava que era importante, como um aprendizado, e como um exercício, e como uma nova forma de escrever as coisas, mas começo a achar que essa questão de regiões homogêneas, de regiões polarizadas, que eram levantadas na época, eu sempre mantive uma atitude crítica, primeiro para o próprio uso da palavra região, eu fiquei discutindo o conceito de região.

E havia o seguinte, eu não perdi, eu me lembro, a visão do materialismo histórico, então para mim, o materialismo histórico era uma coisa que continuava, devia continuar, ele podia servir para a crítica, à maneira como se fazia Geografia quantitativa, embora eu não tivesse conhecimento suficiente na época para fazer a crítica e o modo técnico que a Geografia praticava as técnicas quantitativas. Hoje posso voltar a utilizar o método quantitativo. Sabendo melhor como utilizar este instrumento analítico de uma estrutura, sem extrapolar para descrições de processos históricos, podendo melhor servir de indicativo para o estudo dos processos sociais. Nessa época, eu tenho a companhia da Fany Davidovich, e nós dois resolvemos dizer o seguinte: "Olha, nós vamos participar desse processo do IBGE, mantendo o espírito crítico, e introduzindo as mudanças que ocorrem no próprio marxismo." E aí, nós valorizamos o Lefebvre. Eu acho que foi graças a Fany e a mim, tentando manter a ponte com a Geografia Marxista, via Lefebvre, que evoluiu depois com um grupo em São Paulo, também estudando Lefebvre, a Ana Fany Alessandri Carlos, com a Odete Seabra... O negócio está rodando... a Odete Seabra, e outros mais jovens, fizeram um grupo para estudar Lefebvre. Nós chegamos a escrever um artiguinho no *Jornal do Brasil*, saiu no jornal um artigo sobre a idéia do

Lefebvre, da vontade, e da representação, que tinha a ver com Geografia. Nós tentamos nesses anos não, de um lado, participar do processo do Planejamento, que estava acontecendo, via CNDU, essas coisas todas, achando que não fazer não significava nada, nós estávamos no IBGE. É claro que talvez tenhamos errado em não ter procurado desenvolver mais a parte teórica, ter feito Geografia teórica, mas, no IBGE, nós tínhamos a obrigação de fazer uma Geografia aplicada, então, nós fazíamos a geografia aplicada e, ao mesmo tempo, tentávamos marcar uma posição diferente.

Então, nessa época, a diferença é Geiger e Fany, ..., no sentido de dizer que nós estávamos participando daquele movimento todo, mas que nós tínhamos um novo pensamento também, crítico, marxista, e, no caso, ligado ao Lefebvre. A Fany faz a crítica ao conceito de centro e periferia, introduzindo no artigo, a idéia de escalas, as escalas da metropolização, uma crítica à maneira de ver da época, de centro e periferia, e introduziu, que há um processo único que se apresenta em escalas diferentes... mas é um só processo, não existe periferia e centro como entidades diferentes, o processo é único. Então essa é a importância desse artigo, que é a Fany Davidovich que assina. No *Atlas Nacional do Brasil*, do IBGE, eu procuro mostrar a idéia de uma área desenvolvida, o centro-sul, que tem no seu entorno o nordeste e o norte. Quer dizer, eu saio da visão puramente física para misturar uma regionalização, baseada nos grandes movimentos da sociedade brasileira. Eu acho que fui fiel de certa forma, mas eu confesso, eu sinto que eu deixei me envolver muito pela Geografia aplicada, não desenvolvi bastante o teórico. Devia... Mas eu achava, eu disse várias vezes, não é novidade, que para mim a quantitativa cumpria o papel de ser o caminho para poderem os geógrafos ir a um patamar mais alto. Acho que há muito a ser feito. Para mim, a Geografia crítica que aparece depois... como nos Estados Unidos, inclusive, e... é uma reação à Geografia quantita-

tiva. Eles não podiam passar por aquilo, sem passar pela quantitativa.

**Geo UERJ** - Prof. Geiger, como podemos entender o mundo de hoje?

Para entender o mundo, precisamos refletir politicamente. Eu continuo com esse pensamento. A reflexão é política, porque a Geografia é um conhecimento do processo social que pega aspectos que outras ciências não pegam... Dão, mas... tem a questão do espaço, não vou entrar sobre isso, e que é uma maneira de você também iluminar a História. Você não pode fazer História sem essa Geografia, você não vai fazer História sem Geografia. Porque as coisas acontecem localizadas, tem relações e etc. Eu acabei de falar com você sobre coisas da História, mas localizei na União Soviética, poderia ter falado da China, dos Estados Unidos.

Então, é uma sucessão de quadros... Geografia, História, e que vão te dar um embasamento, as realidades que se sucedem, que vão contribuir para a tua postura política. Continuo considerando a Geografia assim. Ao procurar ver as realidades em movimento, não sem ideologia, mas tentando minimizar o viés ideológico na observação dos fatos, alguns interpretaram como se eu tivesse me afastado da posição de esquerda.

Por outro lado, nessa revisão, não só eu, mas outros autores marxistas começam a rever o significado da cultura no processo social, numa crítica à visão puramente estruturalista. Por quê? Porque o processo social passa por escalas que vão do indivíduo à nação, passando por movimentos ideológicos supra nacionais, os agenciamentos, e estes são peças de estruturas, mas também são impregnados de sabres culturais.

Eu comecei a ver o que falam o Foucault, o Guattari, sobre a relação da micropolítica com a macropolítica. O indivíduo, claro, ele é um agenciador, econômico, político, mas essa identidade contém a sua identidade cultural. Ele tem comportamento, ele tem dentro dele, ele foi... você colocou dentro dele coisas que fazem ele se com-

portar ou reagir aos meios econômicos, políticos, mas ele está construído com programas, dentro dele, que são programas culturais. E então, entre os autores marxistas...

Hoje, por exemplo, um dos autores geógrafos que eu gosto é o Denis Cosgrove; para mim, foi uma abertura. Eu estou agora preocupado com os filósofos atuais, franceses. Os atuais, que eu chamo, são os que morreram há pouco tempo. Além de guardar e manter toda importância para o Lefebvre, não é que eu estou deixando o Lefebvre de lado, não, tem coisas novas anexadas.

Então, para mim, hoje, para a minha Geografia, a minha preocupação é voltar à Filosofia. Estudar a Filosofia contemporânea, entender os processos culturais que acontecem no mundo de hoje, e entender que as utopias estão pedindo uma nova modelagem.

Eu não quero abandonar a utopia. É claro que o básico de qualquer utopia é como conciliar a liberdade dos indivíduos com o bem-estar social. Isso é qualquer um, seja socialismo, seja lá o nome que você dá, no fundo, no fundo o que você tem é o seguinte, você tem o indivíduo na sua liberdade e no direito de ser preocupação da sociedade.

Eu creio que haverá uma terceira via, que conciliará socialismo e democracia. Estou intrigado com a idéia do socialismo de mercado, embora imagino uma sociedade democrática, que pelo momento, não está ainda instalada na China. Creio que uma das vantagens dos países capitalistas, é que podiam coexistir partidos diversos, sem que um acusasse o outro de antidemocrático. Por exemplo, um membro do Partido Democrata não vai considerar o Partido Republicano com antidemocrático, mas infelizmente, na história do socialismo, qualquer opinião contrária à linha dominante, era tomada como contra revolucionária. Espero que no futuro, o panorama seja outro. É o que entendo, combinando terceira via e socialismo de mercado.

A liberdade do indivíduo, o direito da liberdade que o indivíduo tem, porque ele se move, porque ele tem uma cabeça própria, porque não somos folhas de uma árvore, somos indivíduos.

